

Jovem artista pondera regresso definitivo aos Açores mesmo reconhecendo as vantagens das grandes cidades para evoluir no meio artístico

Bárbara Jasmins encontra-se a terminar a sua tese de Mestrado em Pintura, pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, mas pondera regressar à ilha de São Miguel de forma definitiva.

Aos 28 anos de idade, Bárbara Jasmins é artista plástica e aluna no Mestrado em Pintura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, trabalhando entre a Capital e a ilha de São Miguel, de onde é natural e onde participa actualmente em duas exposições, nomeadamente na exposição colectiva "The Art-Ist Great", patente no Centro Municipal de Cultura de Ponta Delgada, e a exposição individual "SOMNUM", patente no Museu Municipal da Ribeira Grande.

O interesse pelas artes, conforme explica, surgiu em tenra idade, quando tudo o que implicava criar chamava a sua atenção, sobretudo no que diz respeito às artes plásticas. Por esse motivo, chegada a altura de decidir que caminho seguir no ensino superior, "a decisão não foi difícil", acabando assim por entrar na sua primeira opção, o curso de Pintura da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, que acabaria por oferecer a esta jovem artista "exactamente o que procurava".

No que diz respeito à adaptação a Lisboa, a açoriana refere que esta foi intimidante, pelo menos no início, uma vez que "receava não conseguir preencher as suas expectativas". Porém, a saída da ilha demonstrou-se importante para que pudesse estar perante "uma série de adversidades" que levaram ao seu amadurecimento. Embora não se tenha sentido "obrigada a sair do arquipélago" para prosseguir o seu sonho de ser artista, a ambição de partir para a capital estava presente há algum tempo, considerando que este foi um desafio "essencial para o seu desenvolvimento pessoal e profissional".

De uma forma geral, realça, a decisão de sair dos Açores poderá diferir muito dos objectivos de cada pessoa: "Penso que a decisão de sair do arquipélago difere muito, depende dos objectivos de cada indivíduo. Não acho que a nossa região prive totalmente a hipótese de muitos jovens iniciarem a sua carreira nos Açores, principalmente com os recentes incentivos. No entanto, no exterior, tendencialmente, pode sempre oferecer propostas mais apelativas", explica.

No que diz respeito ao caso concreto dos artistas açorianos, embora não se consiga comprometer com "respostas certas e erradas", a jovem adianta que, "o segredo esteja, talvez, em saber aproveitar o melhor dos dois mundos", seja nas grandes cidades ou na pequena ilha, acreditando, porém, que o público de maior dimensão presente no território continental possa "facilitar o alcance de determinados objectivos", mesmo que num meio mais pequeno seja "mais fácil identificar um artista", o que aumenta também a possibilidade "de receber uma série de propostas".

No que diz respeito à oferta cultural, Bárbara Jasmins refere que esta é



Bárbara Jasmins tem 28 anos, é natural de São Miguel e está a terminar o Mestrado



Zéfiro, obra realizada em 2019, composta com madeira, arame, resina, pasta de papel, areia vulcânica, pó de basalto, serradura, lâ de aço, sisal, tintas, pedra de basalto e de lavoura



Obra de 2018, sem título, utilizando técnicas mistas. Em exposição no Centro Municipal de Cultura de Ponta Delgada até dia 17 de Março

Bárbara Jasmins acredita que "o segredo" para o sucesso de um artista "esteja, talvez, em saber aproveitar o melhor dos dois mundos", seja nas grandes cidades ou na pequena ilha, embora o amplo público das cidades possa "facilitar o alcance de determinados objectivos"

"avassaladora" em Lisboa, pelo menos quando em comparação com o arquipélago dos Açores, abrangendo "desde o artista de rua até às grandes galerias", tendo também em conta que "Lisboa transpira muita criatividade e diversidade, na minha opinião, provoca uma energia que inspira e motiva qualquer artista".

No entanto, chegada a pandemia, numa altura em que Bárbara Jasmins se encontrava já a trabalhar na sua dissertação, chegaria a hora de tomar a decisão de regressar para São Miguel, tendo em conta que "naquele momento não se justificava estar em Lisboa e não poder usufruir das instalações académicas". Tomada esta decisão, após o levantamento das restrições relacionadas com a Covid-19, as viagens realizadas até Lisboa entretanto serviram para tratar de assuntos relacionados com os projectos que tem entre mãos, bem como para trocar impressões com o orientador, colegas e demais professores, encontrando-se agora a "avaliar um possível regresso definitivo à Região".

Participar na Bienal European Glass Context "foi um privilégio"

Depois de um ano de 2020 marcado pelo encerramento de actividades culturais de várias espécies, colocando artistas por todo o mundo numa posição muito complicada em vários níveis, Bárbara Jasmins refere que foi, de facto, um alívio ver a cultura retomar a sua presença na sociedade, o que lhe permitiu também participar em exposições como a Bienal European Glass Context em 2021, que ocorreu na Dinamarca.

Para a jovem açoriana, foi "um privilégio participar desta experiência", que para além de lhe ter concedido "a hipótese de trocar impressões com diversos artistas e curadores de prestígio", lhe concedeu também a oportunidade de, pela primeira vez, representar Portugal a título internacional a partir de trabalhos desenvolvidos



Péripla, obra datada de 2021, agora em exposição no Museu Municipal da Ribeira Grande

tão atípico. E é de facto curioso assistir ao “manifesto” sobre peso da cultura na sociedade neste tempo marcado pela incerteza”.

Em acréscimo, adianta, pensa que, para os artistas de uma forma geral, a pandemia se tornou numa oportunidade para “meditar em certos assuntos e de tentar transmutar as hesitações em possíveis oportunidades”, o que no seu caso ocorreu também com trabalhos como os que teve a

Belas Artes, colaborando actualmente com o projecto PARES (Programa de Apoio à Actividade Artística), que até ao próximo dia 20 de Fevereiro conta com uma exposição visitável no centro comercial Parque Atlântico, em Ponta Delgada. Por outro lado, como foi já referido, faz ainda parte dos sete artistas açorianos que têm obras em exposição no Centro Municipal de Cultura de Ponta Delgada até ao próximo dia 17 de Março.

Representar os Açores e Portugal na Bienal European Glass Context “foi um privilégio”

Apesar de considerar que “todas as exposições em que participou foram muito importantes”, Bárbara Jasmins realça a que a oportunidade de representar Portugal na Dinamarca através da “European Glass Context 2021”, bem como a sua primeira exposição individual, na qual teve a oportunidade de “utilizar ferramentas que foi adquirindo nas exposições anteriores”, intitulada “SOMNUM”, que estará patente até ao dia 27 de Fevereiro no Museu Municipal da Ribeira Grande, foram experiências que a marcaram muito.

Conforme explica a jovem artista plástica, as suas origens açorianas foram também tomando conta das suas obras com o passar do tempo, sobretudo através dos materiais que utiliza, tal como é o caso da areia vulcânica, do pó de basalto, pedra de basalto e pedra de lavoura, encontrando-se também a desenvolver receitas cerâmicas com a argila das Furnas, tendo em conta que esta é “uma relação emocional impossível de traduzir de forma lógica”, conforme adianta.

Assim que começou a incluir estes materiais nos seus trabalhos, Bárbara Jasmins percebeu que estes “consentem talentos artísticos-científicos que podem vir a promover as potencialidades dos recursos naturais da nossa região”, embora as suas obras não se comprometam apenas a um médium ou apenas a uma linguagem, salienta.

As suas obras são, então, resultado de “uma reunião de ideias que depois são traduzidas para o domínio pictórico, no qual pode ser manifestado numa pintura, escultura, instalação, performance, etc.”

De acordo com a própria, esta liberdade criativa é também aquilo que impulsiona o desenvolvimento do seu trabalho, no qual considera que “existe uma colaboração constante entre aquilo que é manipulado e aquilo que acontece”, o que, a nível conceptual faz com que a sua obra tente “encontrar aquilo que se esconde” e com que “persiga algo irreconhecível”, conclui.

Joana Medeiros